

## NOTA DE ABERTURA

Chega às mãos dos leitores o nº 67 do *Boletim de Estudos Clássicos*, revista da Faculdade de Letras editada, em colaboração, pela *Associação Portuguesa de Estudos Clássicos*, pelo *Instituto de Estudos Clássicos* e pelo *Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos* da Universidade de Coimbra.

As circunstâncias ditam que os trabalhos de edição deste volume decorram no início da celebração do Mundial de Futebol de 2022 no Qatar. As palavras do presidente da FIFA, Gianni Infantino, na conferência de imprensa em Doha, no dia 19 de novembro, vésperas do início do certame, ecoaram pelos media globais. Respondendo à polémica acerca da escolha do Qatar, considerado um país duvidoso quanto ao respeito pelos direitos humanos, ele afirmou com assertividade (sic): “*What we Europeans have been doing for the last 3,000 years, we should be apologizing for the next 3,000 years before starting to give moral lessons*”. A máxima bem conhecida de Terêncio *homo sum: humani nihil a me puto*, constitui a magna fundamentação para nada considerar estranho à natureza humana e tomar como digno de atenção tudo do que ao ser humano diz respeito, e por isso partilhamos a seguinte reflexão:

Por um lado, um campeonato de futebol, ainda que nem gregos nem romanos jogassem este desporto, encontra os seus fundamentos no espírito competitivo e nas práticas desportivas, celebradas em ocasiões religiosas ou de simples sociabilidade, de gregos e romanos. No limite, podemos duvidar se existiria futebol se os gregos não tivessem, primeiro, celebrado os Jogos Olímpicos. Por outro lado, o *mea culpa* contido nas palavras do Presidente da FIFA, manifestando a dívida histórica de uns povos sobre os outros, encerra o que para nós, é relevante: quando Gianni Infantino apontou 3000 anos para a dívida que europeus tinham em relação a outros povos, manifestou como evidência aquilo que muitos dos que consideram o mundo clássico uma herança irrelevante têm

dificuldade em ver: que a civilização europeia, a que viu nascer o futebol, nasceu mil anos antes de Cristo, sedimentou um percurso histórico e cultural contínuo, que se expandiu por outros espaços para além da geografia original. É certo que Infantino o exprimiou num contexto de crítica, assinalando que se devem discutir os aspetos negativos de experiências de exploração e de domínio. Mas agora pretendemos apenas observar que ignorar o património grego e romano e sua influência sobre as culturas e as identidades globais, mesmo quando esta presença merece ser discutida, é um ato de cegueira. Até Infantino, um advogado suíço-italiano do mundo do futebol, mostrou esta consciência na sua resposta aos jornalistas.

Os contributos incluídos neste volume percorrem uma ampla variedade temática, como é apanágio da natureza interdisciplinar desta publicação. Deste volume, sobressaem duas dinâmicas que lhe conferem, pensamos, coesão: uma é a da incidência temática sobre aspetos que ressalvam o valor estaminal dos Estudos Clássicos. A língua, a literatura, a filosofia, a televisão são ponto de chegada de um universo cultural que transbordou para além do tempo e do espaço em que existiu, na sua contingência histórica e geográfica. A outra, integramo-la no que poderemos chamar de preservação da memória. O testemunho sobre a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, professora da Universidade de Coimbra e pioneira da divulgação e do interesse pelos Estudos Clássicos em Portugal e em língua portuguesa integra-se nesta tipologia. Muito agradecemos à sua discípula Virgínia Barbosa a partilha que nos deixou acerca da minúcia, do rigor e do talento para ensinar da Mestre de tantos. De igual modo, não podemos esquecer os colegas, professores, estudantes, associações e escolas que continuam, entre jovens e menos jovens, a espalhar o interesse, a defender a relevância, a ensinar o Grego e o Latim, a aprender novos métodos, a renovar e a qualificar o saber em Estudos Clássicos, dentro dos mais abrangentes contextos e temáticas.

Encaram-se como positivas a existência, finalmente, de doutorados em Didática das Línguas Clássicas em Portugal; a subida do número

de estudantes no ensino secundário a escolherem a opção de Latim e de Grego dentro do modelo curricular legal em vigor; a consolidação dos números de estudantes a frequentar as licenciaturas de Estudos Clássicos; a recuperação do número de interessados na formação de 2º ciclo em ensino para a docência de Português e Latim; a frequência de mestrados e de doutoramentos nas academias universitárias de Portugal e do Brasil.

Os contextos de investigação, de ensino, de divulgação, e de chegada à sociedade civil são diversos e os seus agentes complementam os seus esforços entre si, intervindo no que fazem de melhor. Os estudantes, jovens das escolas e das universidades, seja nas aulas, nas conferências, nas atividades de divulgação, palestras, oficinas ou visitas de estudo, são, como deve ser claro, os destinatários deste esforço em manter, ou até mesmo atizar, esta chama em que acreditamos: a de os Estudos Clássicos contribuem para realçar o que o espírito humano tem de melhor.

9

Paula Barata Dias